

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semnário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendelro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Figueiró Histórico

Figueiró dos Vinhos possui inúmeros vestígios da grandeza e valor que teve em diferentes e recuadas épocas. A cada passo encontramos casas que foram antigos solares dos senhores fidalgos desta região e bem provam como foi rica e prosperou. Veem-se ainda muitas portas dos séculos XV e XVI com preciosos lavrados e braços d'armas das famílias nobres que aqui habitaram.

O edifício onde hoje se encontram instalados os serviços dos Correios foi outrora o solar do 1.º Marquez de Castelo Maior e possuía uma torre que se supõe tenha sido erigida pelos Mouros. Por isso a rua que lhe fica ao lado ainda hoje se denomina a Travessa da Torre.

Na parte alta da vila, sem dúvida a mais antiga, ainda se conservam preciosas reliquias que o passado glorioso desta terra nos legou. Junto da cadeia, denominando a vila como gigantesca sentinela, lá está uma curiosa torre onde se pode ler, numa lápide colocada por cima da porta, a seguinte interessante inscrição: «Esta torre foi mandada construir em 1552, sendo juizes D. Diogo da Aguda e Garcia Rodrigues; Vereadores Nuno Martins e Afonso Esteves, estando o vinho e o pão a 70 réis.»

Não longe, chama a atenção do visitante a célebre «Cruz de Ferro» com toda a sua simplicidade e grandeza. Tem a data de 1616 e foi fundida na Fábrica de Fundição da Foz d'Alge, no nosso concelho, mandada edificar pelo Marquez de Pombal, e que foi uma das primeiras, senão a primeira, do género, que se criou em Portugal.

M. A.

Orientação prática

A publicidade oferece, no nosso país, vasto campo de acção, desde que se procure, com honestidade, orientá-la para resultados práticos.

«Organizações Jotapê», com sede na Figueira da Foz, pretende trilhar esse caminho.

Alguns benefícios já trouxe a sua iniciativa a certas regiões, visto que, de momento, não lhe é possível estender a toda a nação, a sua actividade.

Contudo, após a inauguração das suas instalações, que se verificará em breve, dará começo a todos os seus trabalhos.

Num momento crítico como o presente, em que, mais do que nunca, importa coordenar as diversas actividades do país, «A Regeneração» agradece a boa colaboração de «Organizações Jotapê», e envia-lhe calorosas saudações.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

As eleições para deputados realizadas no passado dia 1 do corrente, excederam todas as expectativas. Todos compreenderam a responsabilidade moral que lhes cabia na grande manifestação de apoio que o governo tinha em vista apresentar ao mundo inteiro, como símbolo da coesão interna do país. E, porque todos o compreenderam, Figueiró dos Vinhos pode justamente orgulhar-se de ser um dos concelhos em que a votação atingiu maior percentagem: mais de 90% de votos.

A China e os direitos de extra-territorialidade

Os jornais diários anunciaram que os governos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos haviam renunciado aos privilégios de extra-territorialidade que disfrutavam na China. Qual o significado de semelhante atitude? O que eram os privilégios de extra-territorialidade? Façamos um pouco de história; lembremos o que anda, possivelmente, esquecido ou é mesmo, em grande parte, ignorado; procuremos interpretar os factos que são velhos de mais de cem anos.

Nos meados do século XIX a China vivia ainda encerrada nas suas clássicas muralhas — milhões de homens praticando o culto dos antepassados, regendo-se pela moral de Confúcio, trabalhando os campos pelos processos mais rudimentares. Milhões de homens vivendo em paz, desconhecendo, é certo, as ciências modernas, a técnica, a civilização ocidental, mas desconhecendo também e ópio a rapina organizada e o poder destruidor das novas armas.

Ora, enquanto nesta velha China os letrados continuavam a interpretar os mesmos textos de há mil anos, no Ocidente os cientistas tinham descoberto a máquina a vapor, permitindo com isso que a pequena manufactura se tivesse transformado na fábrica e que esta, pondo em jogo meios técnicos dum poder até então desconhecido, elevasse a produção a um nível surpreendente. Simplesmente, essas fábricas exigiam matérias primas para transformar em artigos de consumo imediato, matérias primas que não existiam nos grandes países industriais, antes estavam na África, na Índia, na China. E os exércitos das grandes potências foram encarregados de as procurar... Depois um novo problema viria afligir os homens da grande indústria — a colocação dos produtos fabricados.

O maquinismo, cada dia mais aperfeiçoado, abarrotou bem depressa os mercados internos dos países produtores e eis que se tornou necessário encontrar novos mercados, procurar novos compradores que consumissem o excesso. Uma vez mais os exércitos abriram caminho ao comerciante...

Milhões de homens existiam na China, es-

rastando o seu rabicho, lendo o seu Confúcio, trabalhando o seu campo de sol a sol, comendo o seu punhado de arroz, com a mesma pa-chorrenta indiferença de há centenas de anos, fechado aos benefícios do progresso!...

Então, os ingleses e os franceses, os alemães, os japoneses, etc. «depois duma série de guerras, chamadas civilisadoras, impuseram aos chineses o direito de fazer o comércio com eles.» E os tratados de Nankin (1842), de Peking (1860) e de Shimonoseki (1895), apelidados pelos patriotas chineses de «tratados desiguais», puseram fim a essas guerras e concederam ao estrangeiro que vivesse na China o «benefício da extra-territorialidade», isto é, o direito de ser julgado, não por tribunais chineses, mas pelo seu próprio consul. Além disso, em Changai, Cantão, Amoy, etc., os estrangeiros passaram a habitar certos bairros chamados «Concessões», administrados por funcionários europeus, nos quais os chineses não tinham o direito de se estabelecer. Por outro lado, os serviços aduaneiros ficaram o cargo dos ingleses, privando-se deste modo a China de grandes rendimentos e pondo a sua indústria à mercê da concorrência das mercadorias estrangeiras, que entravam no país quasi isentas de pagamento de quaisquer taxas. A situação dos chineses na sua terra passou a ser a que bem se traduz por este leitreiro colocado à entrada do jardim público de Changai — «Proíbida a entrada aos cães e aos chineses!»...

Passados cem anos a Inglaterra e a América do Norte declararam renunciar a estes benefícios e logo a agência de notícias. E. T. lança aos quatro ventos: «Na City, o desaparecimento dos direitos extra-territoriais não será lastimado. O Governo da China Livre provou ter todo o direito á inteira soberania sobre todo o seu território. Olhando para o futuro, os negociantes da Grã Bretanha esperam que a competição no mundo do após guerra será baseada no mérito e não em interesses velados». Dipensem os comentários. Lembremos ainda, ainda mais um facto.

(Continua na 2.ª página)

4 Deputados e centros de interesse de toda a população, divulgada a letra e o espírito da reforma da instrução primária que preconiza «como meios adequados, a concessão de subsídios para cursos noturnos aos cargos administrativos, sindicatos nacionais, Casas do Povo e dos Pescadores; a obrigação de sustentar escolas, postos escolares e cursos noturnos para operários, imposta às entidades particulares, individuais e colectivas, que tiverem ao seu serviço pessoal em concentração que o justifique; a instituição do «voluntariado» em todos os estabelecimentos oficiais do ensino primário; a criação da «hora educativa para trabalhadores», não apenas no interesse da assistência ao iletrado, mas com intenção acentuadamente «post-escolar», porque das suas luzes aproveitam sobretudo aqueles que já tiveram passado pela escola.» (do Parecer da Câmara Corporativa, de 4 de Março de 1938 sobre o projecto da reforma do Ensino Primário).

Conhecidos os caminhos que a lei traçou, marchemos por eles com um desejo ardente de os percorrer a todos.

E' entre as populações rurais que o analfabetismo é mais denso. Pois bem. Colaborem com as Casas do Povo, esforcemo-nos junto delas para que em todas haja uma pequena escola. Não há professor? Um trabalhador qualquer que tenha um exame, um estudante em férias, um pequeno proprietário com alguma cultura, servem muito bem para ensinar as primeiras letras. E depois, façamos com que todas as Casas do Povo, tenham um apare-

transmitirá os cursos necessários. Desta maneira a Casa do Povo passa a ser de facto o lar social de todos os trabalhadores da aldeia. Uma pequena biblioteca e jornais, farão com que os novos letrados não esqueçam o que aprenderam, como normalmente acontece nas aldeias, onde o camponês, depois de sair da escola nunca mais vê um papel escrito.

São os estudantes, tanto os liceais como os universitários, que deverão ser os pioneiros dessa grande obra. Passando muitos deles as férias no campo, devem impor a si mesmo a obrigação de durante esse tempo ensinarem alguns analfabetos. E os que não vão para o campo, têm as Casas dos Pescadores nas praias, os sindicatos as sociedades de recreio nas cidades e nas vilas, onde podem trabalhar ensinando aqueles que nunca tiveram a sorte de passar por uma escola.

Mas não só os estudantes. São também os poetas, os artistas, os críticos, os ensaístas, que podem dar uns momentos de férias às suas locubrações, às suas academias de café, e virem até ao povo ensiná-lo a ler. Talvez também alguma coisa aprendessem, e muitos dos problemas que os torturam e tantas vezes os irritam, aí achassem solução.

Só com uma mobilização geral do país, de todas as forças activas, de todos os ramos do trabalho, se pode resolver esta magna questão. Um povo analfabeto está exposto a todas as vicissitudes da fortuna, e o nosso orgulho do passado deve incitar-nos a preservar-nos no presente, porque a perspectiva desta conquista não é menos grandiosa do que o foram as conquistas de outras eras.

D. L.

A riqueza

do sub-solo ucraniano

A Ucrânia possui riquezas naturais espantosas, que são formidáveis fontes de energia e trabalho, tudo o que é necessário para reproduzir riqueza e força, ali existe em abundância: ferro, carvão, manganês, quedas de água, etc.

As existências de hulha, naquela terra privilegiada, situam-se na bacia do Donetz, numa planície de cerca de 25 mil quilómetros quadrados. As reservas ali existentes avaliam-se em 90 bilhões de toneladas números redondos. Desta totalidade, 25% são do mais rico carvão que produz excelente coque: e 30% aproximadamente, são antracite. A extração da hulha, na bacia do Donetz, atingiu em 1938, 81 milhões de toneladas, 72 milhões das quais foram fornecidas pelas minas do território propriamente ucraniano.

No quadro da produção geral do carvão, na União Soviética, entrava a bacia do Donetz com uma cota decisiva, pois mesmo após a intensificação da exploração das minas da Sibéria e dos Urais, o rendimento das suas hulheiras representa o País.

Estas cifras mostram bem a grandeza da perda sofrida pela URSS com a amputação de tão preciosos tesouros, pela força Werbrmacht. A produtividade do trabalho individual nas minas de carvão da Ucrânia foi, em 1938, apenas de 24,7 toneladas por mês. Na margem direita do Donetz e na Ucrânia Ocidental existem reservas de carvão castanho. A exploração mineira que em 1936, apenas produziu 400 mil toneladas, devia, em 1942, segundo o plano soviético, fornecer 5 mi-

lhões de toneladas desse combustível.

Há também que mencionar a existência, na Ucrânia, de xistos betuminosos (quantidades à vista: 58 milhões de toneladas); de gás subterrâneo (18 bilhões de metros cúbicos) e de petróleo que, fora as antigas reservas polacas de Brehobyz (exploradas cerca de 350 mil toneladas) não foi aproveitado. As jazidas de turfa da Ucrânia, cujas existências visíveis ascendem a um bilhão e 400 milhões de toneladas, forneceram, em 1939, 2 milhões e 400 mil toneladas.

Importantíssima é também a produção de energia. A capacidade das centrais eléctricas existentes ascendem a 12 bilhões de Kvs., o que constitui um terço das possibilidades soviéticas naquele domínio. A produção de energia em 1937, ali, representou, de facto, a terça parte da produção da electricidade, no conjunto do País.

No que respeita às riquezas metálicas do sub-solo, há que salientar, sobretudo, as jazidas de minério de ferro de Krivei Reg, que são as mais importantes de toda a União Soviética, pois já estão calculadas 1 500 milhões de toneladas de minério vermelho e castanho. Os depósitos de manganês de Nikopol são, juntamente com os de Tschiatyry, na Geórgia, os maiores do Mundo. As reservas de manganês de Nikopol tem 30% de pureza, a qual, mediante tratamento sumário, sobe de 42 a 52%. A extração em 1937 foi de 0,96 milhões, o que corresponde a um terço da produção de toda a União soviética.

DIAS DA COSTA

CARTEIRA

Partidas e Chegadas

Em serviço profissional, esteve neste concelho, tendo-se deslocado igualmente a Pedrógão Grande e Castanheira de Pera, o médico veterinário sr. dr. António Simões, ilustra Intendente de Pecuaría de de Leiria e nosso particular amigo.

Ao sr. dr. António Simões, sem dúvida um dos mais inteligentes e activos funcionários da Direcção Geral dos Serviços Pecuarios, os nossos calorosos cumprimentos.

— Tem estado entre nós o sr. Américo Oliveira, de Coimbra.

— Vejo a Figueiró dos Vinhos o sr. dr. Alvaro Amorim Pinto, Conservador do Registo Civil em Castanheira de Pera e nosso prezado assinante.

Casamentos

No passado dia 27 de Outubro, realizou-se na Igreja de S. Domingos, Castanheira de Pera, o casamento da menina Maria Helena Coelho, filha da sr.ª d. Maria Preciosa Coelho e do sr. José Coelho Júnior, abastado comerciante naquela vila, e irmão do nosso solicito correspondente sr. Ildio Coelho, com o nosso amigo sr. António Ferreira Dias, filho da sr.ª d. Joaquina Ferreira e do sr. Manuel Dias Júnior, desta vila.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, o sr. Alvaro de Oliveira Bastos, comerciante no Porto, e sua filha Maria Júlia Bastos; e, por parte do noivo, o sr. Alberto Mendes Bouça, comerciante em Pedrógão Grande, e a menina Maria Manuela Herdade Santos, prendada filha do nosso amigo sr. José Pedro dos Santos, conceituado armazeneiro nesta praça.

— Na Igreja Matriz desta vila, consorciou-se a menina Aurora Dias Lopes, filha do sr. Joaquim Lopes, com o agente da Polícia sr. Bernardino Luiz Nunes, filho do nosso assinante sr. João Luiz Nunes e da sr.ª Maria das Dores Nunes, todos residentes no Carapinhal.

Foram padrinhos do noivo, o sr. dr. João Diniz de Carvalho, e sua filha, menina Maria Emilia Agria de Carvalho, e da noiva o sr. António Luiz Nunes e a sr.ª Maria da Assunção Nunes.

— Aos noivos e suas famílias os nossos parabéns.

A China e os direitos de extra-territorialidade

(Continuado da 1.ª página)

Nos meados do século XIX, quando os canhões das potências industriais começaram a

Anúncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos
1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 3 de Dezembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, os imóveis a seguir descritos, penhorados nos autos de execução por custas e sélos que o digno Agente do Ministério Público na 6.ª Vara da comarca de Lisboa, move a José Pereira da Costa, casado, comerciante, residente no lugar dos Troviscais Fundeiros, desta comarca, saber:

PREDIOS

1. — O direito e acção a metade de uma testada de mato no Vale da Pevide, limite dos Troviscais Cimeiros, freguesia de Pedrógão Grande, a confinar do norte com José Vicente sul com Manuel Vicente da Piedade, nascente com os mesmos e ponte com Joaquim Simões Diniz, inscrito na matriz sob o artigo 11.863 1/8, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.375, a fls. 99 verso do livro B. 77. Vai à praça no valor de 587\$20

2. — O direito e acção a metade de uma terra de sementeira com água de rega, no sítio do Ribeiro, limite dos Troviscais Fundeiros, freguesia de Pedrógão Grande, que confronta do norte com Manuel Nunes, sul com Joaquim Vicente, nascente com a Barroca e do poente com o visio Inscrito na matriz sob o artigo 11.090, 1/2, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.376, a fls. 100, do livro B., 77. Vai à praça no valor de 481\$80

troar nos céus da China, grandes dragões de papel pintado, vomitando fumo pela boca e pelas ventas, avançavam coleantes de encontro ás tropas invasoras. Os Chineses ainda não conheciam armas mais eficazes. Por isso mesmo foram profi-

Anúncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos
Editos de 30 dias
1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juizo e sua primeira secção correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os executados Victorino Rodrigues Ferrão e mulher Maria Adelaide Agria Rodrigues Ferrão, com o último domicilio nesta vila, e ausentes em parte incerta do Brasil, para os termos da execução que nesta comarca lhes move o digno Agente do Ministério do publico, por falta de pagamento da quantia de 1.500\$80, na acção que neste Juizo lhes moveu D. Maria Adelaide da Costa Agria, viúva, desta vila.

Figueiró dos Vinhos, 4 de Novembro de 1942.

O chefe da 1.ª secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 571
de 7 de Novembro de 1942

3. — Uma terra de sementeira de seca com oliveiras no sítio da Ponte, limite dos Troviscais Cimeiros, confinando do norte com José Vicente, sul com herdeiros de António Bento, nascente com Abílio Barata Salgueiro e poente com a barroca. Inscrito na matriz sob o artigo 11.776 — 1/3, e descrito na Conservatória sob o n.º 30.377, a fls. 100 vº, do livro B. 77. Vai à praça no valor de 396\$.
Figueiró dos Vinhos, 30 de Outubro de 1942.

O chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 571 de
7 de Novembro de 1942

bidos de entrar no jardim público de Changai...

Hoje, cem anos passados, os dragões nos museus e as armas na mão, eles vão abrindo as portas de todos os jardins públicos de todas as Changais.

Alvaro Reis

Folhetim de "A Regeneração," N.º 3

A CAVALGADA DOS NUS

POR H. LOPES DE MENDONÇA

III

As gargalhadas redobram. — Décho do escolar, que anda a desperdiçar o seu latim por terras de mourama! acudiu outro cavaleiro. — Antes escarrar aravia! — Atirando um punhado de terra pelas goelas dentro! — Olhai o mourisco que se asanhal! — E se ele desata a vomitar a sua algaravia, é como se abrisse uma capoeira de gansos em furia de grasnido.

De um lado e do outro surdiam as exclamações e os ditérios. Cruzavam-se os motejos, fervilhavam sarcasmos, esfusiavam chistes. Parte dos improvisados expedicionários prestava as rédeas para a pesca, outros descalçavam-se para as alongar pelo riacho, outros emfim tiravam os jaezes aos cavalos para os

refrescar com os mandis encharcados, quando ressoou sobre a algaravia a voz estridente e juvenil de João Martins, imitando com a mão cerrada o clangor de uma trombeta brandando em tom de arauto: — Ouvide!

Mas foi necessário repetir com percia a intimação para que um silêncio relativo se estabelecesse.

— Amigos, proseguiu ella, os nossos corpos afogueados requerem o frescor da água. Ponhamo-los de molho, como carne de enxerca! Mais saborosos nos acharão as donas de Arzila, já fartas e refartas de salé. Ao banho!

— Ao banho! gritaram todos com uma aclamação estrondosa.

Num relance todos despiam mantolotas, pelotes e gibões, todos se desembaraçavam de arnezes, coxotes

e bragaes, enquanto as lanças, tanchadas no terreno, entre a relva crespa e alta, semelhavam reluzentes abrolhos de um espinheiro colossal.

James Dias, descobrindo e arcaiboico arruinado e vigoroso, evocava com entusiasmo as suas reminiscências clássicas:

— *Nuda superjusus tingamus corpora lymphis!*

— Agora que o temos desvestido, acudiu o esgalgado da bigodeira, apontando para o escolar, véde-me em que refégos do corpo achá-ele o seu latim.

— A água que lho derrêta! bradou outro, arrojando violentamente para o riacho o desprevenido James Dias.

Entre as risadas gerais, viu-se o malaventurado chafurdar em plens corrente, fensopando as bragas que ainda não tivera tempo de despojar-se. Nus em pêlo, os outros mergulhavam voluptuosamente na água diáfana. Na turba de torsos brancos destacava a pele brça do almocadêm. Em volta pulavam, cada vez mais espavoridas, as rãs, cujos

corpos verdes e viscosos vinham bater a mudo de encontro à rija ossatura dos banhistas. Lampejavam com reflexos argênteos os peixes, atordoados pela balbúrdia. Armavam-se as rédeas no meio de um bulício infernal. E aquêlo bando de tritões em folgança cada vez despertava mais analogias mitológicas na mente erudita de James Dias. A fábula de Diana e de Acteon ocorria muito naturalmente à sua imaginação poética.

— Mas desta feita estamos nós no lugar das ninfas, bradou João Martins, enquanto procurava através da transparência da corrente um vulto dos ambicionados cágados.

— E será Diana que nos virá espreitar, retorquiu James Dias. E nós brandaremos: *«Nunc tibi me posito visam...»*

Ergueu-se nesta conjunção a voz rouquenha do zombador:

— Trégua de latinidade, que isto até dana as águas do rio!

— Vamos daqui com uma camada de terças, acudiu outro.

— E' pior que o mordexi da Lúdia,

— E fuganto os cágados, que não há pôr-lhes mão em cima.

— Vê-te êstel! clamou João Martins, erguendo triunfalmente um balaço exemplar da fauna ribeirinha, o qual, agarrado pelos lados da casca raiada de amarelo, estrebuchava vigorosamente entre as mãos do captor. Vêde como esparneal! E' que o feriu algum genitivo biendo...

— Como o bigode do Mem Fogacho, anadiu outro, apontando para a cara burlesca do magrízela

Sôbra êste caíram agora as vaias, que ele aparava de riso assestado, dando cambalhotas que espadanavam a água para o rosto dos escarnicadores.

— Não o deixeis mergulhar, bradou James Dias, vingando-se dos passados motejos e concluindo por parafrasear uma citação de Lucano, aliás com essa bigodeira intonsa *African exaurit aquis.*

— Que quer dizer isso em vulgar, ó escolar de uma figa?

— Que ficamos todos em seco, se porhais em ensopar o bigode.

(Continua).

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral

— Consultório e residência :—
Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral

Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 às 14 horas
Em Castanheira de Pera — às quintas-feiras das 9 às 15 horas

A. Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

Alvaro Amorim Pinto

Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE:
tôdas as segundas-feiras

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às Sextas-feiras e aos Sábados até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Arrenda-se A Quinta do Caramelheiro Quem pretender dirija-se à familia de João Zagarte Henriques. 1-3

Casa Vende-se, situada ao Cimo da Vila. Umhas grades de ferro e um engenho de tirar água em estado de novo. Tratar com José dos Santos Granada, comerciante, Figueiró dos Vinhos.

CASA

Arrenda-se nesta vila, à Fonte das Freixas, 1.º andar com varanda, instalações de electricidade e água, e quintal. Trata Carlos Lacerda.

Gasogénios

PARA

CAMIONS E AUTOMOVEIS

entrega imediata

consulte:

AGENCIA FORD—Leiria

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :- Quartos muito higiénicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

Telefone 46873

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Escola de Corte Luc

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º

Coimbra

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e e sacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem, em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermeia Lopes da Silva—Figueiró dos Vinhos.

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos
Café Central

Figueiró dos Vinhos

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tungram

24-7

Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Alfonses António da Conceição
Pombal :-: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-24 - Os melhores preços -

Lenha de pinheiro

Vende-se por junto ou á carrada. Quem pretender dirija-se a Alvaro Lopes Lucina—Carapinhal. 4-4

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhoda ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.ª» e do cimento «Tejo», Loijas sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gêsc, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maças de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

CABAÇOS—COIMBRA			ANCIÃO — COIMBRA		
DIARIA (excepto aos Domingos)			às Segundas, Quartas e Sábados		
	Chegada	Partida		Chegada	Partida
Cabaços	—	5,30	Ancião	—	8,25
Alvaiázere	6,45	6,50	Alvôrge	8,50	8,50
Chão de Couce	7,25	7,25	Rabaçal	9,10	9,15
Pontão	7,35	7,45	Condeixa	9,40	9,45
Coimbra	9,15	15,30	Coimbra	10,15	16,00
Pontão	18,00	18,10	Condeixa	16,30	16,35
Chão de Couce	18,20	18,20	Rabaçal	17,05	17,05
Alvaiázere	18,55	19,05	Alvôrge	17,25	17,25
Cabaços	19,20	—	Ancião	17,50	—

Pontão - Pombal às quintas-feiras

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval) 24-19

Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM. Telefone 701

TEMAS DE HOJE

Maria:

Recebi há bem pouco a tua carta, em que, alegremente, me comunicavas que tinhas conseguido trabalho, creio que numa fábrica de vidros. Podes crer que senti uma alegria intensa por te saber empregada e que me senti triste, aliás nada de novo, ao ter conhecimento da remuneração. De resto, tu sabes a necessidade imperiosa de teres uma colocação, uma vez que a situação financeira de teu pai é precária.

Longe de mim a pretensão de te desejar uma situação má com o fim de ir ao encontro dos meus desejos, aos mil e um nadas, para que assim te compenetras do que é a vida. Não, nunca te desejei um desgosto; mas uma vez que a vida é isto e não aquilo que pacatamente imaginamos, que, sentados, sonhamos, idealizamos muito para além das realidades, sinto-me orgulhoso por te ver a trabalhar lado a lado com outras raparigas (lembra-te que elas sentem as mesmas necessidades e ambições que tu), ao contacto abrasador dos maçaricos.

Poderás imaginar que ao confessar-me orgulhoso, há em mim algo de maquiavélico. Não, minha amiga. O que há é a alegria que vive em mim, porque te vejo também a trabalhar. Assim, sentirás as dores e as alegrias que nos oferece a profissão.

As dores, quando o nosso dispêndio de energias não é convenientemente remunerado de forma a supriresse o desgaste; a «acrobacia caseira» que durante o mês somos obrigados a praticar, digo até, a abusar, de maneira a levar uma vida afinal cheia de deficiências; a conduta moral forçada, para que não sejamos arrastados ao mau comportamento para com a família ou para com os companheiros, etc. etc.

As alegrias, porque se toma uma atitude humana, porque nos emparceiramos ao lado de milhões de indivíduos; porque temos consciência da nossa existência e da dos outros; porque conseguimos uma posição real e, nesse caso, podemos ter uma opinião visível, concreta, acerca da vida.

É muito dos problemas que tu dizias serem um produto dos homens pessimistas, maníacos (sic), hoje tomam para ti outro aspecto, «aspectos tais que quasi te custa crer que sejam assim». És tu própria a estranhar-te, a declarares que entre o que és hoje e o que foste ontem, nada há de conciliável.

É por isso, minha amiga, que me sinto orgulhoso, com a alegria intensa de viver para ti e contigo, no futuro.

Abraça-te o

António Sampalo

TEMAS OPORTUNOS

— Naquele tempo não havia estradas, camionetes, locomotivas, vapores, aviões—porque as parcas subsistências e o progresso técnico não provocaram a necessidade dessas realizações, para se transaccionar e conseguir capitais.

—O «Primeiro de Janeiro», de 18 de Outubro, deste ano, referia-se, sob o título de «Imperador e Cresco», aos bens pessoais do imperador do Dai-Nippon, nos seguintes termos:

«O imperador do Japão, além das suas excelentes relações com o céu, pois é de origem divina, possui na terra solidíssimas bases. E', consoante o refere Theodore White, na «Life», o mais acaudalado capitalista e o mais copioso accionista das importantes empresas do país. Com efeito é o principal accionista da Companhia de Navegação Nippon Yusen Kaisha, da Companhia ferroviária Dogushi e do hotel Teikoka. O Banco do Japão, o da Formosa, o de Kambio, etc., orgulham-se por contá-lo também como principal portador dos seus títulos. Tem depositadas acções no valor de 700 milhões de yen (164 milhões de dólares) de empresas japonesas, grandes e pequenas. Os seus depósitos no estrangeiro atingem o valor de 500 milhões de yen. E', além disso, poderosíssimo proprietário de terras. Possui 1.300.000 sho (hectares) de bosques, isto é, 7 por cento de todos os bosques do Japão. A fortuna pessoal do imperador era de 340 milhões de yen, em 1908; de 720 milhões, em 1914; de 1.140 milhões, em 1931; e, nos últimos dez anos de prosperidade, aumentou mais do dobro, e eleva-se agora à respeitável soma de 3.000 milhões de yen.

— Hoje há estradas, camionetes, locomotivas, vapores e aviões, e nem por isso os homens vivem melhor. O mal não está nestes meios de transporte, nem nas subsistências, mas na «super-produção» armazenada pelas contingências dum mundo em marcha, num ambiente em desagregação, prestes a afundar-se para todo o sempre.

Ultrapassado o indivíduo, verificaremos que os meios de transporte se conjugam num só esforço para «todos».

... e então diremos que as estradas, camionetes, locomotivas, vapores e aviões cumpram a sua acção humanizante.

mar imenso em fugaz visão, semelhando uma vida que passa.

De quando em quando, baixa a descansar: No cimo dos montes, nas aldeias perdidas nas serranias, nas vilas, nas cidades. A' beira-mar cobre o arvoredado, antes de se aventurar em longa travessia. Sentem-se as árvores rejuvenascer, albergando nos seus ramos tão doce passarinho; mas ficam desoladas porque na manhã seguinte, ela parte em busca do país que deixou um ano antes.

Choram as fontes, a terra vai cobrir-se de um negro mantó. Um vento glacial começa a açoita-la furiosamente...

As andorinhas partiram em numeroso bando para o sul. Sua natureza graciosa não lhes permite suportar o rigor das intempéries.

E todos sentimos pesar, ao ver partir a grácil andorinha, de asas negras ponteagudas de reflexos azulados, porque-ela é um símbolo da eterna primavera da nossa terra.

Figueiró dos Vinhos, Setembro de 1942.

M. Pereira

O analfabetismo

O problema do analfabetismo propriamente dito comporta dois aspectos, que deverão ser encarados de maneira diferente: a escolaridade rigorosamente obrigativa para todas as crianças que atinjam a idade de saber ler e escrever e o tratamento a dar à imensa legião dos atrasados, aos analfabetos que vão dos dez aos quarenta anos. — Rodrigues Lapa.

Poema

Manhã fresca e brumosa de março.
A cortina fumarenta da neblina
cobre de orvalho a natureza inteira.
Não se vê senão névoa, e mais de perto
as árvores molhadas cobertas de flores
Por isso não há pássaros cantando.
No meio desta densa treva branca
ouvem-se apenas, em grupos, as enxadas,
caindo nítidas, certas, compassadas,
em pontos vários no meio dos campos.
Os golpes caem surdos sobre a terra
como se estivessem consumando um crime.
Lembram, de longe, ferozes punhaladas,
enterrando se no corpo dum gigante
numa luta terrível de vida ou de morte.
São homens e mulheres lado a lado
cumprindo a pena dum pecado antigo
que depois de tanto tempo soa falso:
«Comerás o pão com o suor do teu rosto.»

Mordem-se os beiços a incutir coragem
aos braços grossos e às mãos, cheios de calos,
por batalhas inúteis sem troféus conquistados.
O suspiro que acompanha o gesto
é uma espécie de grunhido animal
vincando o signo triste em que nasceram.
E do ramo mais alto dum pinheiro
ritmando esforços e contando o tempo
o canto do cuco cai como um riso de troça

1942

André Valmar

PRISMA

Recordam-se certamente aqueles que assistiram à crise de 1929-1935 do que ela teve de agónico e trágico. De 1929 a 1932, o número de desempregados passou, na França, de 905 a 266.845, na Alemanha, de 1.678.824 a 5.579.858, na Inglaterra, de 994.091 a 2.272.590, na Itália, de 300.787 a 1.006.642, etc.

Ora as crises económicas são periódicas. Com um prazo mais ou menos longo, aparece nova crise com o seu cortejo de consequências ainda mais agravadas. Convém não esquecer isto.

«Wendel Wilkie falando hoje pela rádio numa exposição sobre a sua recente viagem pelo mundo, afirmou:

«Eu repito a minha declaração de que nós e os nossos aliados devemos criar uma segunda frente de luta na Europa. Nós fizemos grandes promessas mas se eu vos dissesse quão poucos bombardeiros recebe a China, ninguém me acreditaria pura e simplesmente. E se eu contasse como a Rússia julga que nós estamos longe de termos satisfeito os seus pedidos, teríeis de concordar que temos poucas razões de nos vangloriar. Cinco milhões de russos e cinco milhões de chineses já deram as suas vidas. Nós devemos lhes mais do que alarde e promessas quebradas.»

Dos jornais

Ao lado daquela arte que é um dobre-de-finados duma cultura, ao lado e directamente oposta àquela arte que José Régio, J. Gaspar Simões, e tantos outros apregoam e sustentam,

aparece uma outra — a arte das massas populares —, criada por homens que a elas pertencem ou que aderem aos seus valores históricos e que para elas produzem as suas obras. O romance «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes é uma dessas obras. O escritor norte americano Denny cita no seu livro «A conquista da Inglaterra pela América» o facto seguinte: um por cento dos proprietários dos Estados Unidos concentram nas suas mãos cinquenta e nove por cento da riqueza americana e menos de dois por cento dos proprietários da Inglaterra dispõem de sessenta e quatro por cento da riqueza nacional. Sem comentários.

O sr. Luiz Mayer da sociedade «Metro-Goldwyn Mayer», teve em 1941 o maior ordenado dos Estados Unidos: 704.000 dólares. O sr. George Hill, da Sociedade do Tabaco, ganhou um pouco menos, apenas 450.000.

Paris, 17 — Em virtude duma resolução tomada pelo Comissário da Questão Judaica em França os estudantes judeus no conservatório de Música e Arte Dramática não serão admitidos aos concursos que se realizam todos os anos no princípio do mês de Julho.

Espera-se que no próximo ano os judeus não serão admitidos nem mesmo no conservatório.— D. N. B.

(Dos jornais)

António Lima

A despedida das andorinhas

Ao alvorecer de uma manhã de Setembro, tão socegada, que as folhas das árvores eram imóveis, fresca e prometedora de um dia agradável, cheio de sol como despedida do verão que ia findar, eu vim à janela do meu quarto.

Então assisti a um espectáculo encantador: Em volta da minha casa as graciosas andorinhas eram às centenas, volteando incansavelmente junto dos beirais. Dir-se-ia que uma força estranha as impelia, beijando incessantemente o ninho que lhes foi berço. Era a despedida. Em cima, no espaço imenso, revolutando num desassossego nuca dantes visto, elevavam-se mais e mais até parecerem pequeninos pontos negros.

Mas essa névem esperava ainda as retardatárias, que pousadas por cima dos fios, semelhando brancos isoladores, estavam quietas. Súbitamente um chilrear mais forte se ouviu, grupos e grupos abrindo as asas lançaram-se no espaço; em volta dos ninhos, de cabeças voltadas para o beiral era mais rápido o voar. A pouco e pouco tomando altura, em louca acrobacia cruzavam ao largo. Era agora um único bando, ocupando todo o espaço, deslocando-se para o sul. A princípio visíveis, depois só a custo no longe do horizonte se lobrigavam.

As andorinhas partiram em numeroso bando para o sul. A sua despedida foi longa, porque elas têm amor ao país onde nasceram. A terra vai cobrir-se de um nevão, de frics e de chuva. Um vento furioso começa a fustiga-la agitando o arvoredado, enchendo o espaço de milhares de folhas, semeando a desolação por toda parte. A suave andorinha, pressentindo tudo isto, procura outras terras e outros sois. Sua natureza graciosa não lhe permite arrostar com o rigor das intempéries. Ela vai para longe, para muito longe, voando alto, entre o céu e a terra. Sua sombra projecta-se sobre o cristal de um lago, sobre o